

Cultura Popular em Moçambique



As manifestações culturais são hoje um poderoso instrumento da Unidade Nacional, da personalidade moçambicana e revolucionária.

Uma das mais gratas recordações desta estadia em Moçambique foi, sem dúvida, a descoberta de alguns aspectos da Cultura do Povo Moçambicano — exprimindo os seus sentimentos, alegrias, lutas, até mesmo as suas críticas, através da dança e da música.

O colonialismo tudo fez para anular e abafar a sua Cultura pretendendo impor-lhes os sub-produtos pseudo-culturais burgueses, procurando esvaziar as suas manifestações artísticas do seu verdadeiro conteúdo libertador.

Estive uma manhã em amável conversa com o Director Nacional de Cultura, Salomão Manhiça. Falámos do Papel da Cultura na criação do Homem Novo. Do muito que já se fez e do que falta fazer. Das orientações traçadas pelo Partido Frelimo para o trabalho a desenvolver na Frente Cultural.

Referiu-me as importantes realizações já levadas a cabo, com especial destaque para o "19

Festival Nacional de Dança Popular" e a próxima realização de um Festival Nacional da Música Tradicional que começará nas localidades, nos distritos e, finalmente terminará com um apuramento a nível nacional.

Importante também uma referência à campanha de estudo e levantamento dos instrumentos musicais tradicionais. A sua função na sociedade tradicional. O inquérito etno-musicológico. O registo sonoro. A edição de discos de música popular.

Falámos ainda da música e da criação de instrumentos, da arte popular — esculturas, máscaras, artesanato.

Referiu-me a criação do Centro de Artistas Plásticos, a Escola de formação de quadros. Falou-me na realização de cursos de animadores culturais, etc.. Cursos específicos — música, teatro, educação visual, incluindo o design industrial, etc. É importante referir ainda a

realização de uma campanha de preservação e divulgação cultural, com os seguintes objectivos nesta primeira fase:

- Levantamento dos locais e personagens históricos das lutas de resistência ao colonialismo;
- Locais de Luta Armada de Libertação Nacional e realce de personagens que tiveram papel importante na luta.
- A produção na sociedade tradicional — Instrumentos de trabalho.

Todo um trabalho realizado, um longo caminho ainda a percorrer.

Como afirmou Eduardo Mondlane:

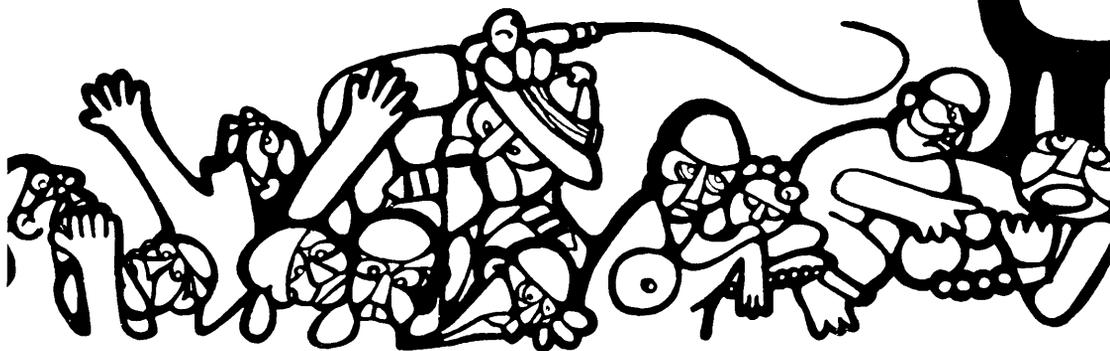
„Que a criação de cada um se torne a criação de todos para que de todos nasça uma nova cultura”.

J.A.R.

Em Moçambique, a dança é uma das manifestações culturais que mais se desenvolveu. A grande diversidade de danças existentes (cerca de 250 participam no 1º Festival Nacional de Dança Popular) indica bem a variedade de situações em que o Povo Moçambicano se manifesta

No processo natural de resistência contra o invasor colonial, o povo moçambicano soube utilizar a dança como uma arma de luta. Através dos seus movimentos e mímica, os dançarinos ridicularizam o comportamento do cipaio, do administrador colonial e da autoridade religiosa. O Povo sente a necessidade de expandir a sua arte e afirmar livremente a sua cultura, o que se concretiza nas danças do trabalhador forçado nas plantações, estradas, minas e construções dos caminhos de ferro, exprimindo o sofrimento e a luta através do gesto, da canção e da música.

A dança popular moçambicana desenvolve-se dentro do processo de luta conduzida pela aliança operário-camponesa, enraiza-se na sua tradição histórica e cultural e liberta-se dos valores e comportamentos das classes exploradoras. Ao falar da dança popular temos também de referir todas as actividades artísticas a que está ligada a sua prática: a música, hábilmente tocada por tamboristas marimbeiros e outros instrumentistas, a canção, dita em solo ou em coros a várias vozes; a expressão teatral de diversas situações; ou o trabalho preliminar que necessita ser feito para obter os instrumentos musicais, as máscaras e adornos utilizados.



Massacre de Mueda, 14 Junho 1960

Na altura do massacre , uma testemunha ocular relatou o seguinte:

“O que aconteceu? Bem, alguns destes homens fizeram contactos com as autoridades e pediram maior liberdade e mais dinheiro... Pouco tempo depois, enquanto o Povo apoiava os seus representantes, as autoridades enviaram a polícia pelas aldeias convidando o povo a aglomerar-se em Mueda. Alguns milhares de pessoas vieram para ouvir o que os portugueses tinham para dizer. Então o governador convidou os nossos representantes para o escritório. Quando voltaram, o governador perguntou à multidão quem queria falar. Muitos queriam e o governador disse-lhes para se juntarem num lugar à parte. Então, sem qualquer explicação ele ordenou à polícia para atar as mãos daqueles que queriam falar e começaram a bater-lhes. Quando o Povo viu o que estava a acontecer começou a manifestar-se contra os portugueses e eles simplesmente puseram as pessoas em camiões e tentaram levá-las. Isto deu origem a mais manifestações. Então a tropa que estava escondida foi chamada pelo governador que mandou abrir fogo sobre o povo. Mataram cerca de 600 pessoas.”

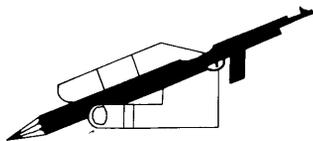




“a primavera tomará corpo
sob os nossos passos de claridade”

David Diop

POESIA DE COMBATE



PORQUE SÃO COMO FLORES CAMARADAS

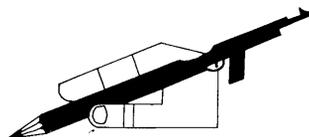
*Educar o Homem para vencer a guerra
para criar uma sociedade nova
para desenvolver a Pátria.*

Samora Machel

Porque são como flores camarada
as crianças que na Revolução
descobrem o mundo.
Sobre o matope pestilento
da sociedade antiga
afirma-se
frágil ainda
a planta nova de amanhã.
É no espaço duro e colectivo
da enxada devorando a mata
que nasce a unidade
e na inteligência mobilizada
no interesse comum
forja-se a consciência nova
camarada.
Como raízes dolorosamente
penetrando por entre as pedras
buscando a água
assim somos camarada
aprendendo por cima das asperezas dos
nossos erros
compreendendo
na secura algébrica das fórmulas
assimilando
a seiva popular que nos faz crescer fortes.
E a ideia nova
camarada
como a semente
realiza-se na terra.
E não são milagres
de deuses e espíritos
o que acontece,
apenas homens
pedra por pedra
levantando a represa
e na alegria da horta
que se oferece
ecoam os cânticos da enxada.
Assim camarada cresce a revolução
revolucionários educando
futuros revolucionários,

da guerra
nascendo o homem que vence a guerra
na cooperativa
gerando-se a indústria de amanhã
da FRELIMO
vindo as gerações
do socialismo construído.

*Sérgio Vieira
(1970)*



SE ME PERGUNTARES

Se me perguntares
Quem sou eu
Com essa cara
Cavada de bexigas de maldade
Com sinistro sorriso
Nada te direi
Nada te direi
Mostrar-te-ei as cicatrizes de séculos
Que sulcam minhas costas negras
Olhar-te-ei com olhos de ódio
Vermelhos de sangue vertido durante séculos
Mostrar-te-ei minha palhota de capim
A cair sem reparação
Levar-te-ei às plantações
Onde sol a sol
Me encontro dobrado sobre o solo
Enquanto trabalho árduo
Mastiga meu tempo
Levar-te-ei aos campos cheios de gente
Onde gente respira miséria em toda a hora
Nada te direi
Mostrar-te-ei somente isto
E depois
Mostrar-te-ei os corpos do meu Povo
Tombados por metralhas traíçoeras,
Palhotas queimadas por gente tua
Nada te direi
E saberás porque luto.

*Armando Guebuza
(1966)*

ESCUTA A VOZ DO POVO, CAMARADA

Escuta, camarada, a voz do nosso povo.
É uma voz antiga como o tempo,
amordaçada
mas fremente de sonhos,
determinada como uma certeza,
altiva e cortante
como uma dor que acusa.

Ouve-la? É Wyriamu, é Mueda que choram
os seus filhos massacrados...
são camponeses que amaldiçoam os colonos
que lhes roubaram a terra...
são mães que nos acolhem como heróis
nos regresso dos combates...

Escuta a voz do povo, camarada.
Faz com que ela seja a tua luz,
deixa que ela te envolva como um manto —
invisível mas pesado
imensamente pesado
porque tem o peso de todos os sofrimentos
que devem acabar,
de todos os sonhos que devem tomar forma.

Escuta a voz do povo, camarada.

*Jorge Rebelo
(1971)*

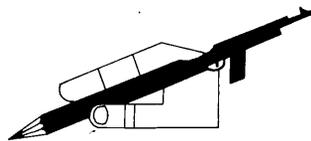
IRMÃO DO OCIDENTE

Irmão do Ocidente —
(como explicar-te que és nosso irmão?)
o mundo não acaba à porta da tua casa
nem no rio que limita o teu país
nem no mar
em cuja vastidão às vezes pensas
teres descoberto o sentido do infinito.
Para além da tua porta, para além do mar
o grande combate continua.
Homens de olhar quente e mãos duras como a terra
à noite abraçam os seus filhos
e partem antes do nascer do sol.
Muitos não voltaremos. Que importa?
Somos homens cansados das algemas. Para nós
a liberdade vale mais que a vida.

De ti, irmão, nós esperamos,
a ti nós oferecemos,
não a mão caridosa
que humilha e mistifica,
mas a mão solidária
cometida, consciente.

Como podes recusar, irmão do Ocidente?

FRELIMO 1973



VEM CONTAR-ME O TEU DESTINO, IRMÃO

Vem contar-me o teu destino, irmão.
Vem apontar-me no teu corpo
as revoltas
que o inimigo plantou.

Vem dizer-me: "Aqui
as minhas mãos foram esmagadas
porque defenderam a terra
que lhes pertencia.

"Aqui o meu corpo foi torturado
porque recusou curvar-se
ao invasor.

"Aqui a minha boca foi ferida
porque ousou cantar
a liberdade do meu povo".

Vem contar-me o teu destino, irmão.
Vem dizer-me os sonhos de revolta
que tu e teus pais e teus avós
alimentaram
em silêncio
em noites sem sombras
próprias para amar.

Vem dizer-me esses sonhos feitos
guerra,
os heróis que já nasceram,
a terra reconquistada,
as mães que enviaram
sem tremer
os seus filhos para a luta.

Vem contar-me tudo isto, irmão.
Eu depois vou construir palavras simples
que mesmo as crianças compreendam,
que entrem em todas as casas como o vento,
que caiam como brasas
na alma do nosso povo.

Na nossa terra
as balas começam a florir.

*Jorge Rebelo
(1965)*